

**O brincar no processo de aprendizagem e
desenvolvimento infantil**

Trabalho de conclusão de curso
para a obtenção do título de
licenciatura em pedagogia.

Aluna: Marilaine Quaresma.

Orientadora: Marcilene Schorro de Oliveira Gianini.

Cruzeiro do Oeste, 2019.

RESUMO: Este trabalho buscou estudar a importância do brincar no desenvolvimento emocional, psicomotor, social e cognitivo da criança, apresentando os conceitos de lúdico, brincar, brincadeira, brinquedo e jogo como instrumento da prática pedagógica na Educação Infantil. O brincar proporciona um crescimento saudável à criança, tornando-se um adulto mais equilibrado físico e emocionalmente. Brincando a criança torna-se um ser criativo e responsável, assumindo outros papéis durante a brincadeira, podendo agir frente à realidade de maneira não literal, o brincar também favorece a autoestima da criança, contribuindo para interiorizar determinados valores, pois ela cria normas às funções com significado para determinada brincadeira. Portanto esta pesquisa fundamenta-se na tese de que o brincar é muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois brincando a criança irá desenvolver a sua imaginação, sua criatividade, seu raciocínio, bem como a socialização, o emocional, entre outras. É fundamental que o educador que atua na Educação Infantil tenha conhecimento acerca das contribuições do brincar oferecendo atividades que promovam o desenvolvimento integral da criança, buscando compreender a valorização do brincar na Educação Infantil como um ato de aprendizagem, explorando autonomia, a criatividade, a reflexão e a imaginação das crianças. A metodologia utilizada no presente estudo foi pesquisas em arquivos científicos, livros e sites da internet. Após os estudos realizados, foi possível perceber que o brincar pode ser um importante aliado no processo de aprendizagem, a criança ao brincar desenvolve sua capacidade de criar, a qual contempla a imaginação, a fantasia e a realidade na formação de novas possibilidades de interpretar, expressar e agir, além de permitir a construção de relações sociais com outros sujeitos, adultos ou crianças. Por isso, concluímos que o brincar não deve ser visto como uma prática agradável ou como somente de lazer, mas também, uma ação de aprendizagem onde a criança está aprendendo a elaborar suas reflexões, sua independência e criatividade possibilitando a evolução global do indivíduo nos pontos de vista cultural, social, afetivo, físico, cognitivo e emocional.

Palavras chave: Educação Infantil; Brincar; Brincadeiras; Jogos.

ABSTRACT: This study will show the importance that playing helps young children in their emotional, psychomotor, social and cognitive development. Play-based learning can be used as an instrument of pedagogical practice in Early Childhood Education. Playing games is a healthy process to a child to become an adult physically and emotionally balanced. A child who interacts with games will become a creative and responsible adult, taking on other roles during a game and being able to act for reality in a non-literal way. Simple games of peek-a-boo, shaking a rattle or singing a song are much more important than just a way to pass the time. They teach young children about communication, develop their motor skills and help with problem-solving. Involvement in play stimulates a child's drive for exploration and discovery. This motivates the child to gain mastery over their environment, promoting focus and concentration. Therefore this study is based on how important is to a child to play, developmental learning includes areas such as social-emotional skills, general cognitive development, and self-regulation abilities. Early childhood educators need to carefully consider that play-based learning as their pedagogical methods. These early childhood play are vital to laying the foundations for formal education. The methodology used was in this study are their from articles, books and websites. Recent research has supported this type of play-based learning for academic development also some studies have found that students engage in more effective problem solving behaviours in child-directed play conditions than in more formal, teacher-directed settings. Child-directed play with peers has been highlighted as an important endeavour for children to develop social and emotional competencies, such as leading and following rules, resolving conflicts, and supporting the emotional well-being of others. Providing children with opportunities to negotiate and follow rules during play has also been connected to the development of self-regulation skills. In conclusion, it is fundamental to an early childhood educators to reflect on foundational points that guide their approach to play in early childhood. Help in with their independence and creativity enabling the global evolution of the individual in cultural, social, affective, physical, cognitive and emotional points of view.

Key word: Early education; play; play-based and games.

Introdução

Os jogos e brincadeiras desempenham um papel fundamental na aprendizagem, a criança tem sua curiosidade estimulada, favorece a autoestima e a interação, propiciando situações de aprendizagem e desenvolvimento de suas capacidades motoras, sociais, cognitivas e emocionais.

O brincar deve estar incluso como ferramenta pedagógica fundamental do professor, principalmente dos professores de Educação Infantil. A decisão de se utilizar o lúdico no processo educacional deveria ser prioridade para o professor. Porém explorar o universo infantil exige do educador conhecimento teórico, prático, capacidade de observação, amor e vontade de ser parceiro da criança nesse processo.

Acreditamos numa educação lúdica, criativa, de movimento e com alunos atuantes, os espaços escolares devem permitir que a criança ande, suba, desça, pule, aprendendo assim a controlar o próprio corpo, estas atividades devem desafiar a criança no seu processo cognitivo, social e psicomotor. A brincadeira deve estar inserida no processo diário de construção do conhecimento da criança, sendo utilizada como ferramenta pedagógica.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998), educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pela criança, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

O papel do professor é de fundamental importância no ambiente escolar, ele se faz presente como mediador das ações educativas. Por meio do uso pedagógico da brincadeira se pode favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, o professor da Educação Infantil precisa de uma formação de qualidade, para que se aproprie dos conhecimentos necessários a fim de integrar o cuidar, o educar e o brincar.

A Educação Infantil tem o compromisso de propiciar a criança atividades que levem a um brincar prazeroso oportunizando jogos e brincadeiras livres no qual a criança possa expressar, simbolizar visando um desenvolvimento psicomotor de qualidade, que se constituirá como base para aprendizagens futuras. Aos professores cabe a tarefa de observar para que possam detectar a singularidade de cada criança, seu modo de ser e de agir, este olhar pedagógico pode instrumentalizar o docente em suas práticas educacionais.

Dessa forma, o lúdico é um instrumento de desenvolvimento global da criança desde a linguagem até do imaginário, como meio de expressão de qualidade espontâneas ou naturais oferecendo um momento para observar a criança que expressa através do brincar sua natureza psicológica e suas inclinações. Momento este de aprender valores importantes, a socialização e a internalizações de conceitos que ocorrem de maneira significativa. O lúdico desempenha um papel vital na aprendizagem, pois por meio dessa prática o sujeito busca conhecimento do próprio corpo, resgatam experiências pessoais, valores, conceitos, busca soluções diante dos problemas e tem a percepção de si mesmo como parte integrante no processo de construção de sua aprendizagem, essa perspectiva resulta numa nova dinâmica de ação, possibilitando uma construção significativa. (Tavares, 2010, p. 233).

O lúdico no processo ensino-aprendizagem é de suma importância para as crianças, pois elas se identificam com jogos e brincadeiras. Brincar faz com que elas aprendam mesmo sem perceber de forma eficaz, pois um ensino que cause desprazer pode gerar traumas e a aversão aos estudos que seria uma consequência grave, entretanto, se o ensino acontece de maneira prazerosa, pode incentivá-la a uma motivação maior para os estudos.

O lúdico se caracteriza por envolver os sentimentos, os questionamentos, a prática social, a mediação professor/aluno, habilidades, autonomia, responsabilidades, senso crítico e aprimoramento de estruturas mentais, como: atenção, percepção e raciocínio. Atividades lúdicas garantem uma aprendizagem significativa para a criança, bem como a socialização, o respeito, a individualidade, pois a criança estará aprendendo no seu ritmo, cria hipótese, chega à conclusão e

elabora suas regras. Assim, sua aprendizagem será significativa e levará consigo um aprendizado que nunca se esquecerá.

As famílias e as equipes das instituições de educação infantil precisam conviver intensa e construtivamente a fim de proporcionar uma progressiva e prazerosa articulação das atividades de comunicação e ludicidade, com o ambiente escolar.

Fundamentação teórica

1. Desenvolvimento infantil

O desenvolvimento infantil é uma fase pelo qual todas as crianças passam, que vai desde o nascimento até mais ou menos seis anos de idade. Está relacionada ao crescimento de habilidades específicas que garantem a independência da criança, nos quais certos comportamentos são esperados a partir de uma certa idade. O progresso da criança são pequenos aprendizados do dia a dia que fazem com que elas se tornem cada vez mais maduras, não se limita apenas a construção das habilidades motoras, mas ocorre em várias esferas ao mesmo tempo. Muitas vezes, é necessária uma integração entre todos os tipos de evolução que a criança passa.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem um papel importante na formação e no desenvolvimento infantil, para tanto, o ambiente escolar deve ser favorável para proporcionar o lúdico como processo de ensino e aprendizagem. Durante o desenvolvimento, a criança demonstra avanços, porém também pode acontecer retrocessos, pois cada criança se desenvolve de acordo com seu organismo e necessidade. É importante que respeitemos esse desenvolvimento e sua personalidade, e mais importante ainda, é que entendamos que cada criança possui uma idade própria para manifestar determinados comportamentos.

De acordo com Vygotsky (1984) desde o nascimento o bebê está em constante interação com os adultos, que não só se asseguram sua sobrevivência, mas também mediam a sua relação com o mundo. Como a criança não tem condições de percorrer sozinha todo o caminho do aprendizado, é fundamental a intervenção de outras pessoas para a promoção do seu desenvolvimento. O desenvolvimento do ser humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vivem, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social, mediada por outras pessoas do grupo cultural, que indica, delimita e atribui significados à realidade.

É pela mediação dos outros, pela mediação do adulto que a criança se incube das atividades. Absolutamente tudo no comportamento da

criança está incorporado e enraizado em relações sociais. Desse modo, as relações da criança com a realidade são, desde o início, relações sociais. Desse modo, a relação da criança com a realidade são, desde o início, relações sociais, de modo que se poderia dizer que o recém-nascido é, um supremo grau, um ser social. (Ivic, 1989, p.429).

1.1. Desenvolvimento infantil dos 0 aos 06 anos

Autores como Piaget, Vygotsky e Wallon, enfatizam que o desenvolvimento não é caracterizado por processos evolutivos lineares e sim por ciclos característicos que demarcam diferentes fases no desenvolvimento.

Baseando em Piaget (1940) dos 0 aos 02 anos corresponde a fase onde a criança está no seu período sensório motor, nesta fase a criança se concentra nas sensações e nos movimentos, é nesta etapa que a criança aprende que suas ações estão relacionadas às modificações do ambiente, começa a entender o que as sensações significam e como os movimentos dela podem levar a alterações no mundo exterior. Aos dois anos dá-se início a fase anal (Freud, 1905) onde aparecem as tentativas de controle e dominação, esta é a fase aconselhada para a criança abandonar as fraldas. Nos primeiros meses, o bebê ainda não tem controle consciente de suas ações motoras, no entanto, com o passar do tempo ele vai gradualmente ganhando consciência de seus movimentos. Nesta fase a criança ainda tem dificuldades com tudo aquilo que ela pode ver, tocar ou sentir, a chamada permanência do objeto ainda não existe, pois a criança não admite sua existência fora do seu campo sensorial.

Na teoria de Piaget (1941), dos 02 aos 06 anos a criança está no seu período pré-operatório, esse estágio se inicia com a capacidade do pensamento representativo, ou seja, a criança começa a gerar representações da realidade no próprio pensamento, é isso que possibilita a aprendizagem da fala e as brincadeiras de "faz de conta", é nesta fase que a criança acredita em lendas, personagens imaginários, entre outros. A socialização já é possível, visto que a criança se torna mais curiosa, tudo ao seu redor é fascinante, além do fato de ser muito observadora. É com as brincadeiras que a criança começa a perceber as diferenças entre o masculino e o feminino, é também nesta fase que vem a descoberta dos órgãos genitais, curiosidade referente a área da sexualidade. A criança começa a observar

mais o corpo dos adultos, as diferenças, e começam a aparecer então alguns questionamentos sobre isso. É nesta fase que ocorre a manipulação dos órgãos genitais, visto que a criança percebe o prazer que isso proporciona, todas essas descobertas devem ser respeitadas, afinal, faz parte do desenvolvimento natural da criança.

Ocorre quando um conceito criado por Freud (1990), o Complexo de Édipo, sentimentos de desejo e rivalidade com relação aos pais, onde a criança procura identificação com o progenitor do mesmo sexo e afastamento do amor proibido com o progenitor do sexo oposto. A criança continua extremamente observadora, mas de forma inquieta, onde tudo a sua volta é questionado, a agitação é muito presente nesta fase, cabe aos pais terem paciência para repetir as regras e os limites impostos em casa, até que a criança tenha a possibilidade de internalizar as regras.

A linguagem vai se evoluindo rapidamente e a sua imaginação não possui limites, ela já é capaz de realizar algumas atividades sozinhas, como escovar os dentes, tomar banho, comer, entre outras e está sempre em busca de novas conquistas. Quando a criança está próxima de completar três anos, está pronta para interagir com outras crianças, é também nesse estágio que as crianças começam a entender o que é certo ou errado, o que podem ou não podem fazer, ocorrendo o início da construção do superego. No entanto, ao serem apresentadas a uma situação inusitada, elas ainda não são capazes de julgar moralmente o problema, fazendo aquilo que tem vontade independente de ser certo ou errado.

Segundo Piaget citado por Kramer (2000, p.29) "o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento". Piaget considera a interação indivíduo/meio apenas sem considerar as interações entre as crianças e suas diferentes culturas. Vygotsky (1996) já enfatiza a troca de conhecimentos que ocorrem através das interações entre indivíduo/meio/indivíduo. Os dois autores concordam que o desenvolvimento da criança não é algo que ocorre de forma linear, mas sim de forma gradual e se sobrepõe e é sucedida em períodos contínuos de tempo.

1.2. Desenvolvimento infantil dos 07 aos 12 anos (operatório concreto)

Como relata Piaget (1940) dos 07 aos 12 anos a criança está no seu período operatório concreto, gosta de adquirir algumas responsabilidades e tomar uma postura mais séria, independente e responsável. A criança procura nos adultos modelos e os imita com frequência. O centro de seu universo está ligado à figura materna, a criança sempre está em busca de aceitação, carinho e acolhimento, circunstâncias essas imprescindíveis por parte da mãe, a imagem da mesma influenciará muito na educação e a formação de modo que é importante estimular a criança para atividades esportivas do interesse dela, assim como ensinar a se concentrar, ler histórias de modo a participar, respeitar e apoiar a criança para que a mesma se sinta segura, adquirindo assim modelos importantes para um desenvolvimento adequado, levando a criança a ter habilidades de enfrentar as dificuldades futuras com mais tranquilidade e adequação.

Apresentando-se mais sobre Piaget (1945), dos 06 aos 07 anos a criança é consciente de si própria e está mais absorvida em si mesma, desenvolve o sentido ético (distinção entre o bem e mal), já não só nela, mas também nos outros, concretiza e interioriza mais a sua estrutura de espaço e tempo, medita antes de atuar pois é mais prudente. É também importante o papel do professor, que não substitui a mãe, mas reforça com um sentimento de maior segurança, há que dar-lhe responsabilidade de acordo com suas possibilidades, é necessário uma relação mútua e forte entre a família e a escola, sobretudo nesta idade.

De acordo com Piaget (1945) dos 07 aos 10 anos, a criança começa a lidar com conceitos como os números e relações, é caracterizado por uma lógica interna consistente e pela habilidade de solucionar problemas concretos. A linguagem se torna mais socializada e a criança será capaz de levar em conta o ponto de vista dos outros, desta forma, inicia a capacidade de estabelecer relações que permitem a coordenação de pontos de vistas diferentes e de cooperar com os outros. A capacidade de reflexão aperfeiçoa, mas sempre baseada em situações concretas e lógicas, além disso no período pré-operatório a criança ainda não adquiriu a capacidade de pensar simultaneamente, as crianças desenvolvem competências em todos os domínios: tornam-se mais altas, mais pesadas, mais fortes e adquirem as competências motoras necessárias para participarem em jogos organizados e

desportos. A medida em que as competências afetam o sucesso na escola, as diferenças individuais tornam-se mais evidentes e as necessidades especiais mais importantes, as crianças desenvolvem-se fisicamente, cognitivamente e emocionalmente, tanto quanto socialmente, através dos contatos com outros jovens.

2. O brincar

A educação infantil tem o compromisso de proporcionar a criança atividades que levem o brincar prazeroso oportunizando jogos e brincadeiras livres no qual a criança possa expressar, simbolizar visando um desenvolvimento motor de qualidade que se constituirá como base para aprendizagem futura.

Segundo Oliveira (2000) o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracteriza-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade. Quando estão brincando, as crianças não tem medo de errar processando seus conhecimentos, brincar utilizando a música, as danças, as cantigas de roda, poemas, lendas, história ampliam o pensar de mundo e ajuda a formar futuros cidadãos, mais conscientes de sua existência.

Para Piaget (1978), ao brincar a criança utiliza suas estruturas cognitiva e coloca em prática ações que estimulam sua aquisição de conhecimento, esta é uma ocasião de internalizar e elaborar sentimentos e emoções desenvolvendo o senso de justiça e moral. O brincar permite que cada um seja autor de seus papéis, escolhendo-os, elaborando-os e agindo de acordo com suas fantasias e conhecimentos, podendo inclusive solucionar problemas que possam aparecer (Canabarro, 2011).

O brincar é de vital importância para o desenvolvimento do ser humano, é tão importante para o desenvolvimento do organismo quanto o alimento, os exercícios, o repouso, o simples ato de brincar faz com que a criança não apenas imite o

cotidiano, mas também a transforma, através das brincadeiras, se imita, se imagina, vivencia, se cria, representa e se comunica. Essas brincadeiras se prolongam, muitas vezes, até a idade adulta, mas com o passar dos anos, diminuem sua intensidade e importância (Sousa, 2014).

É muito relevante que as crianças tenham contato em espaços externos, com os diversos elementos da natureza, podendo observá-los e transformá-los, além disso, esses espaços devem possibilitar que elas corram, pulem, subam, desçam, escorreguem, se escondam e desenvolvam jogos coletivos. Portanto, é necessário que o professor/educador insira o brincar em um projeto educativo, o que supõe intencionalidade, ou seja, tenha claro seus objetivos e a consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil, nos diferentes espaços que as escolas oferecem.

O ato de brincar contribui para a aprendizagem da linguagem, a utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento e ação. Para saber falar sobre o mundo, a criança precisa brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica, os estudos contribuíram para percebermos que uma das primeiras formas de linguagem de uma criança é o brincar, em seguida, o desenho e depois a escrita.

Vygotsky (1998) explica que, ao brincar, a criança interpreta as ações dos adultos, projetando-se no mundo deles, assumindo um comportamento e desempenhando papéis que nem sempre são infantis. A autor também destaca que, ao brincar, a criança altera a dinâmica da vida real, pois não reproduz o jogo da mesma forma em que a situação foi vivenciada.

Segundo Carvalho e Rubiano (2001) brincar para a criança é principalmente estar presente no ambiente, se constituindo como indivíduo e compartilhando significados, brincar em um ambiente aconchegante, que retrate a identidade da criança e de livre acesso é fundamental no seu desenvolvimento, visto que se estará promovendo a interação entre criança/criança, criança/educador e até mesmo respeitando os momentos em que a criança prefere brincar sozinha, pois só assim se respeitará a individualidade de cada uma.

Ao brincar a criança expressa seus anseios, sua maneira de como está percebendo o mundo que a cerca e principalmente está vivendo a sua infância, tem também suas necessidades satisfeitas como adquirir novos conhecimentos, habilidades, pensamentos e entendimentos coerentes e lógicos. Reconhecendo-se em um meio e como parte do mesmo, ela cria sua própria brincadeira interagindo com todos que a rodeiam, por isso, a importância de se oferecer um espaço com objetos disponíveis e acessíveis à criança. O ato de brincar se apresenta como estrutura semântica apropriada pela criança e introduzida em um universo cuja estabilidade a protege, assim ela pode expressar seus desejos aqueles que a cercam. Sendo assim, o brincar é uma linguagem que é acompanhada de linguagem (Gutton, 2013).

O autor acima citado afirma que a linguagem ocupa o papel central possibilitando intercâmbio entre os indivíduos, a abstração e a generalização do pensamento, a simplificação e a generalização da experiência. Com o passar do tempo, a criança irá tomar como forma de linguagem a construção da linguagem escrita, que não irá se restringir em apenas uma atividade motora, pois vai além do conhecimento das letras, envolve todo o sistema de representação simbólica da realidade.

Vygotsky (1984) atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil, “é brincando e jogando que a criança relewa seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos”.

De acordo com Almeida (1995), “brincar além de ser uma necessidade básica é também um direito da criança e lhe possibilita experiências ricas e complexas como os laços de amizade, fazendo parte do processo de formação educativa do ser humano e portanto essencial”. Mas, não é apenas este benefício que a brincadeira traz consigo, brincar é essencial para a vida familiar, para a saúde, para a socialização da criança, para o desenvolvimento físico, cognitivo, entre outros.

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa além daquilo que aparentam ser, ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão

brincando. Ao brincar com um cabo de vassoura como se fosse um cavalo, por exemplo, a criança se relaciona com o significado em questão, ou seja, a ideia de “cavalo” e não com o objeto concreto. A criança é levada a agir num mundo imaginário, onde a situação é definida pelo significado estabelecido pela brincadeira e não pelos elementos reais concretamente presentes, (Brasil 1998, p. 27).

Vygotsky (2001), relata novamente que quando uma criança coloca várias cadeiras uma atrás da outra e diz que é um trem, percebe-se que ela já é capaz de simbolizar, esta capacidade representa um passo importante para o desenvolvimento do pensamento da criança. Brincando, a criança exercita suas potencialidades e se desenvolve, pois há todo um desafio contido nas situações lúdicas, que provoca o pensamento e leva as crianças a alcançarem níveis de desenvolvimento que só as ações por motivações essenciais conseguem, elas passam a agir e esforça-se sem cansaço, não ficam estressadas porque estão livres de cobranças, descobrem, realizam com alegria, sentindo-se mais capazes e, portanto, mais confiantes em si mesmas e predispostas a aprender.

O brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, favorece o fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a não formação e até quebra de estruturas defensivas, ao brincar de que é mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos e de ser mãe boa, forte e confiável, conforme afirma Oliveira (2000).

3. O brinquedo

Segundo Horn (2004) o brinquedo sempre fez parte da vida das crianças, independente de classe social ou cultural em que está inserida, é intrínseco da criança o hábito do brincar, até mesmo ao se alimentar a criança brinca, portanto, ao proporcionar diversos espaços para a criança brincar e agir dentro do espaço, se estará propondo novos desafios que tornarão a criança um agente de sua própria aprendizagem de forma mais lúdica. No entanto, os objetos perdem sua força determinadora, a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação aquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê.

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensadas, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (Vygótsky, 2009, p. 134-135).

Vygotsky citado por Rego (2002) considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento, afirma que, apesar do brinquedo não ser o aspecto predominante da infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil. Portanto, não devemos conceber a infância longe do brinquedo visto a importância do mesmo aqui referenciada e principalmente de proporcionar o brinquedo em ambientes preparados para que a criança brinque com liberdade de ação e em total interação com outras crianças.

Segundo Piaget (1951), além de definir as etapas do brincar, pontua também que a brincadeira não é um mero passatempo, ela pode ser fonte avaliativa, pode ser uma ferramenta, um instrumento para interagir com o processo ensino-aprendizagem, para que haja um bom desenvolvimento, a criança deve então, por intermédio de um adulto, ter atividades lúdicas que a ajudará no seu desenvolvimento escolar e social.

Para Kishimoto (2003, p. 13) no contexto cultural e biológico as atividades são livres, alegres e envolve uma significação, é de grande valor social, oferecendo possibilidades educacionais pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo preparando para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais.

O brinquedo torna-se objeto suporte da brincadeira, podendo ser imaginado independentemente de sua real existência e função, estes são considerados brinquedos não estruturados (aqueles que já são adquiridos prontos) por se tratar de simples objetos que não são industrializados, assim o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além de seu comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Brinquedo é um objeto utilizado para brincar, e tanto pode ser criado com essa função original quanto pode

ser qualquer objeto usado como significado diferente daquele para o qual foi originalmente criado.

Na situação de brinquedo, segundo Vygotsky (1991, p.116) “a criança assume e ensaia papéis e valores correspondentes as atividades dos adultos de seu meio cultural, antecipando seu desenvolvimento no que se refere a aquisição de motivação, habilidades e atitudes que serão necessárias a sua participação social”. Isto se explica pela capacidade do brinquedo em criar uma zona de desenvolvimento proximal, a imaginação como as outras funções da consciência, surge originalmente da ação. O uso da imaginação e do brinquedo também contribui na expansão das habilidades conceituais da criança que espontaneamente separa o significado do objeto, atingindo assim uma definição funcional de conceitos e objetos.

3. A brincadeira

Embora a criança ainda não tenha atingido determinados processos mentais em seu desenvolvimento, ela pode de certa forma, apresentá-los ou desenvolvê-los numa brincadeira, aquilo que ela ainda não é capaz de realizar sozinha na realidade, ela pode representar por meio da brincadeira. Por isso, a brincadeira se torna prazerosa para as crianças por ser umas das primeiras formas de sua emancipação, conseguindo agir além de seu desenvolvimento real e de suas limitações atuais.

Conforme Vygotsky (1991, p. 65), “na brincadeira a criança encontra uma infinidade de opções diversificadas para a criação de cenários, enredos, personagens e significados, ela pode assumir outros papéis, desprendendo-se de si mesma, além de transformar os objetos que tem a sua disposição em elementos cheios de significados para apoiar os cenários por ela produzidos”. A brincadeira é a ação sobre o objeto, de acordo com Leontiev (1988), se configura como atividade principal ao proporcionar situações que possibilitam o aprendizado por meio da apropriação do mundo externo a partir das experiências vivenciadas.

Ao brincar a criança expressa seus conflitos internos, projetando e reproduzindo em e nos objetos a forma como se relaciona com as pessoas e consigo mesma. (Camargo, 2009, p.97).

Por isso, torna-se importante recurso para aqueles que atuam com o público infantil que muitas vezes ainda não possui um domínio da linguagem verbal que

permita expressar suas ideias, seus pensamentos, seus desejos e suas inquietações e consegue fazê-los ao brincar (Camargo, 1995).

De acordo com a autora Borba (2006, p.43), a brincadeira livre não implica que o professor esteja completamente ausente, mas que ele se envolva na medida em que compreende a necessidade da criança de brincar livremente e os benefícios que essa atividade traz a criança e ao grupo inteiro, bem como informações significativas que ela oferece acerca das próprias crianças e do contexto em que elas vivem. A brincadeira livre, diferentemente da brincadeira com fins didáticos, é idealizada pela própria criança que, juntamente com os seus pares, a organiza, estabelece suas regras, define os cenários e enredos, tudo de forma espontânea. Infelizmente, porém, a brincadeira tem sido vista como uma atividade de não produção, especialmente na sociedade ocidentais, seu espaço costuma estar reservado apenas ao recreios realizados nos pátios das instituições. (Borba, 2006)

A brincadeira, além de ser livre, espontânea e com resultados de certa forma aleatórios e indeterminados, se caracteriza pelo fato de possibilitar a criação, a imaginação, o assumir de diferentes papéis e a adoção de comportamentos que não têm as mesmas consequências que teríamos na vida real. (Reynolds apud Brougère, 2010, p.108).

“Outro, de si mesmo para assumir outros papéis: o pai, a mãe, o filho, o cachorro, o policial aspecto da imaginação na brincadeira livre corresponde ao brincar de ser “outros”, o que significa desprender-se, de certa maneira, o super-herói, etc”. (Borba, 2006, p. 36). E assim que a criança tem a possibilidade de conhecer a si mesma e de representar o modo que vê, sente e interpreta o mundo ao seu redor.

Conforme Vygotsky (1991), usar a imaginação na brincadeira não significa que a criança se ausente completamente da realidade, mas que ela faz uma interpretação dessa realidade ao brincar e que tem a possibilidade de satisfazer desejos reais em situações imaginárias, porém concretizadas pela brincadeira. Nesse processo, as crianças instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais (Borba, 2006, p. 41).

É brincando também que a criança aprende a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento social e a respeitá-la a si mesma e ao outro. Por meio da ludicidade a criança começa a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança e sendo liderados e compartilhando sua alegria de brincar.

Zanluchi (2005, p.91) afirma que a criança brinca daquilo que vive, extrai sua imaginação lúdica de seu dia a dia, portanto, as crianças tendo a oportunidade de brincar, estarão mais preparadas emocionalmente para controlar suas atitudes e emoções dentro do contexto social, obtendo assim melhores resultados gerais no desenrolar da sua vida.

4. Corpo/movimento e jogos

Na Educação Infantil, as relações corpo-sujeito-criança, juntamente com o jogo, são bases para o trabalho do educador. O jogo é estratégia muito significativa para trabalhar com o corpo, porque jogar implica em negociar combinados, em organizar ideias. O jogo do passa anel é um jogo clássico, aquela criança que está com o anel escondido nas mãos, quando passa nas mãos das outras, ela não poderá demonstrar com o seu corpo quem está recebendo o anel; e aquela criança que está recebendo o anel não poderá fazer uma expressão corporal que dê pistas aos demais participantes de que o anel está com ela. Esse jogo é simbólico e profundo, pois requer uma energia e, principalmente, uma sintonia entre essas crianças. Essa é a expressão do corpo da criança que não pode ser retirada do olhar de investigação do educador (Vygotsky, 1979, p. 138).

A ênfase à valorização do movimento na Educação Infantil verifica-se, ainda, na dimensão afetiva do movimento, porque o corpo da criança expressa emoção e, nesse sentido, há um ponto importante a ser discutido, das obras de Henri Wallon, que é o ato motor, o mundo físico e a motricidade em relação direta com o movimento.

Quem não brincou daquele cabo de ferro, o jogo em que você vai puxando uma corda, cada um de um lado, e a força que você estabelece representa todo um movimento de equipe, grupo, intenção, que são construções que a criança está

realizando, não só no físico, mas mentalmente. Falar de movimento na Educação Infantil implica em discutir princípios, um deles é a formação do professor para a dimensão de trabalho com o corpo, as vezes, o seu próprio corpo não está em movimento e isso fica muito evidente na relação com as crianças. Quando o educador trabalha a formação integral, não é só para a criança, mas também para si mesmo, como um corpo que se expressa. (Antunes, 2003, p. 8-9)

Precisamos ainda reconhecer que o corpo, o movimento e o jogo estão intimamente ligados aos processos criativos, portanto, como seria possível desenvolver um processo criativo sem que o corpo se manifeste? A cultura corporal de movimento na Educação Infantil é uma cultura que faz com que as crianças se juntem pelo tempo do lúdico, dos sentidos e significados. Por isso é importante que, desde muito cedo, elas possam brincar. Nesse contexto, é lúdica e leva em conta a relação com outras crianças, pais e mães e famílias na organização, a partir da própria produção dessa cultura. (Brasil, 1998, p. 39).

O corpo da criança é educado, treinado e disciplinado por meio de rotinas, da regulamentação do tempo, espaço e do movimento na vida cotidiana, que institui e normatiza os tempos fixos. O corpo é lúdico, um corpo brincante, podendo também tirar dele a possibilidade de expressão. Nessa perspectiva, precisamos tanto estabelecer quanto flexibilizar as rotinas. Quando uma criança está no meio de um jogo e é retirada daquele espaço porque tem que cumprir outra tarefa, a ação de retirá-la está quebrando uma descoberta que poderia ser um movimento forte. A escola da infância precisa considerar os ritmos das crianças e aquilo que o adulto tem como ritmo, trabalhar com o corpo é também a manifestação dos direitos que as crianças têm de viver suas infâncias, nossas práticas pedagógicas com as crianças pequenas devem considerar, potencializar e refletir todas as dimensões das relações do corpo.

É considerável a escolha de um jogo e dos meios adequados para oferecer a criança, especialmente quando visamos retirar dele o maior interesse educativo. Provém disso à obrigação de transportar à escola os mesmos estímulos que a criança descobre para jogar fora desse espaço (Pimentel, 2004, p. 57).

Vygotsky (1989) afirma que o jogo diz respeito às regras envolvidas na ação da criança sobre o objeto. Tais regras podem estar estabelecidas explicitamente, como na brincadeira de amarelinha ou de damas, mas podem também fazer parte da realidade social em que vive e ter sido internalizada a partir das vivências e experiências, como a brincadeira de casinha ou de carrinho. A princípio, aparentemente, não há regras definidas de como se arruma uma casa, todavia, na medida em que esta casa é organizada e constituída na brincadeira permite que seja manifestada a forma como foi construída internamente pela criança. Convém ressaltar que, tanto as regras explícitas são constituídas socialmente.

O jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda as exigências e inclinações da própria criança (Vygotsky, 1998).

Barbosa e Botelho (2008) em “jogos e brincadeiras na educação infantil” afirmam que de acordo com Piaget as manifestações lúdicas acompanham o desenvolvimento da inteligência uma vez que vinculam-se aos estágios de desenvolvimento cognitivo. Seguindo a ideia mencionada por Negrine (1994) de que na teoria piagetiana a assimilação e a acomodação são levadas ao equilíbrio no ato da inteligência, é cabível dizer que ao jogar na atividade lúdica infantil a criança assimila novas informações bem como as acomodam nas suas estruturas mentais.

Negrine (1995) aponta que para Vygotsky se por um lado o jogo traz certa liberdade para a criança, por outro esta liberdade é ilusória porque as crianças estão subordinadas ao significado das coisas e desenvolvem seu pensamento abstrato. Durante o jogo ela passa para o campo da realidade aquilo que era uma imaginação e são jogos coletivos que elas desenvolvem o controle do seu próprio comportamento e depois se desenvolve o controle voluntário.

Quanto a classificação dos jogos, procede por relaxação do esforço adaptativo, assim como por meio do exercício das atividades, somente pelo prazer de dominá-la e de extrair delas por sentimento de virtuosidade ou potência (Negrine, 1994, p.37).

De acordo com Negrine (1994), Piaget afirma que nos jogos de exercício não há necessidade de pensamento nem estrutura representativa especialmente lúdica,

diferentemente do jogo simbólico que requer a representação simbólica de um objeto ausente.

Os jogos simbólicos por sua vez, segundo Piaget citado por Barbosa e Botelho (2008), aparecem no final dos dois anos de idade, com o aparecimento da função simbólica (representação de um objeto ausente) quando a criança entra no estágio pré-operatório do desenvolvimento cognitivo. Desta forma, no jogo simbólico a criança finge ser outrem, atribui novas funções a objetos ou se imagina em alguma situação. Para que aconteça essa forma de jogo é necessário que a criança tenha desenvolvido a representação simbólica uma vez que ela reproduzirá a realidade, será uma cópia da mesma e em seu imaginário pretende viver e simular a realidade a modificando de acordo com seus interesses.

Ainda de acordo com Almeida (2005), os jogos estão associados aos dois termos anteriores, tanto o objeto (brinquedo) quanto à brincadeira. Trata-se de uma atividade mais estruturada e organizada por um sistema de regras mais explícitas. Uma característica importante do jogo é a sua utilização tanto por criança quanto por adultos, enquanto que o brinquedo tem uma associação mais exclusiva com o mundo infantil, portanto o universo lúdico abrange o termo brincar, brincadeira, jogo e brinquedo.

Conforme afirma Negrine (1995), as crianças representam nos jogos aquilo que vivenciam em seu dia a dia, como por exemplo: “mamãe e filhinha”, “polícia”, de “casinha”, nesses casos ela não cria, mas reproduz também aquilo que veem na mídia, nos desenhos, seriados, filmes infantis. É evidente que quando Vygotsky realizou seus estudos os meios de comunicação não eram tão avançados.

Independente da época o jogo é sempre uma atividade com objetivos, isto é, seu propósito decide o jogo e justificativa a atividade, sendo o objetivo o fim último, que determina duas variáveis relevantes nos jogos da criança (Negrine, 1995, p.32).

Segundo o relato de experiência de Negrine (1995) apresenta que a tentativa de realizar uma atividade sozinha sem sucesso, há uma desistência e passa a ajudar os próximos, com essa cooperação a criança vota em sua atividade individual, e começa a sua própria criação, não como forma de cópia mas de uma forma de desenvolvimento da aprendizagem.

Para Piaget (1975) no jogo prepondera a assimilação, ou seja, a criança assimila no jogo o que percebe da realidade às estruturas que já construiu e neste sentido o jogo não é determinante nas modificações das estruturas. Para Vygotsky o jogo proporciona alteração das estruturas, no qual confere funções pedagógicas às atividades lúdicas, nomeadamente nos jogos, as brincadeiras e o faz de conta. Enquanto que Piaget confere maior relevo a uma tendência natural dos jogos, constituindo-se na expressão e na condição para o desenvolvimento, no qual as crianças quando jogam, assimilam e podem transformar a realidade. O jogo procede por relaxação do esforço adaptativo, assim como por meio do exercício das atividades, somente pelo prazer de dominá-las e de extrair delas um sentimento de virtuosidade ou potência. (Negrine, 1994, p. 4).

Por fim, os jogos de normas, compreendido por Piaget surgirão a partir dos 4 ou 5 anos de idade, quando a criança larga o jogo egocêntrico, no entanto, é somente próximo dos 7 anos que a criança consegue verdadeiramente se submeter a regras. É neste tipo de jogo que a criança começa a se conciliar com a vida e com a sociedade, sendo que as regras do jogo que fazem com que o grupo se torne harmônico e busquem um objetivo em comum: jogar. Vale lembrar que as crianças neste momento não contrariam as regras, apenas as cumprem.

Conclusão

Tendo em vista tudo que foi estudado as conclusões que podemos observar que todos os autores falam da importância do brincar, necessário que o serviço público tenha um olhar mais apurado para isso, oferecendo para as crianças ambientes e locais adequados para brincar como praças, centro de convivências, brinquedotecas, etc. É válido lembrar que as pracinhas das escolas devem ter manutenção periódica nos brinquedos para que as crianças não se machuquem enquanto brincam, igualmente nos espaços internos, além de receberem higienização adequada.

Embora estes resultados não possam ser planejados pelo professor, percebe-se que o espaço para a brincadeira livre na educação infantil é muito importante para o crescimento e aprendizagem da criança, permitindo-lhe adquirir habilidades sociais essenciais para a sua vida dentro e fora da escola, o espaço é um elemento fundamental para o desenvolvimento psicomotor. Atualmente, grande parte das instituições escolares constrói o conhecimento com pouca ou nenhuma participação corporal, tornando o ensino obediente, estático, em fila e em silêncio. Deste modo, o corpo está sendo negado nas instituições escolares, não sendo reconhecido como parte do processo educacional.

A criança aprende enquanto brinca, de alguma forma a brincadeira se faz presente e acrescenta elementos indispensáveis ao relacionamento com outras pessoas. Assim, a criança estabelece com os jogos e as brincadeiras uma relação natural e consegue extravasar suas tristezas e alegrias, angústias, entusiasmos, passividades e agressividades, é por meio da brincadeira que a criança envolve-se no jogo e partilha com o outro, se conhece e conhece o outro.

Vemos que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, mas principalmente na infância, na qual ela deve ser vivenciada, não apenas como diversão, mas como objetivo de desenvolver as potencialidades da criança, visto que o conhecimento é construído pelas relações interpessoais e trocas recíprocas que estabelecem durante toda a formação integral da criança.

Portanto, a introdução de jogos e atividades lúdicas no cotidiano escolar é muito importante, devido a influência que os mesmos exercem nos alunos, pois quando eles estão envolvidos emocionalmente na ação, torna-se mais fácil e dinâmico o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo e cognitivo.

A brincadeira com participação ativa do educador proporciona o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e, como consequência, social da criança. Por isso, a intervenção do professor não pode se restringir a oferta do objeto, do brinquedo, mas na interlocução, na argumentação, na instrumentalização, na mediação, atribuindo significado à brincadeira e utilizando-se como aliado no fazer pedagógico do professor, principalmente para aquele que atua na educação infantil, pois a observação da brincadeira de alunos sinaliza a forma como a criança se apropria dos valores de seu meio social e também evidencia os entraves e avanços do seu desenvolvimento.

Conclui-se que a criança, além da interação, a brincadeira, o brinquedo e o jogo proporcionam a linguagem, a atenção, a percepção, a criatividade e habilidade fundamentais, para desenvolver a aprendizagem. Nessa perspectiva, as brincadeiras, os brinquedos e os jogos vêm contribuir para o importante desenvolvimento das estruturas psicológicas, cognitivas e psicomotoras da criança. Enfim, desenvolve o indivíduo como um todo, sendo assim, a educação infantil deve considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo. Loyola, 1995.
- ALMEIDA, P. N. **Ludicidade como instrumento pedagógico**, 2009. 2013
- ARROYO, M. G. S. **Corpo Infância – exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, Vozes, 2012
- CORSARO, W. A. **Educação Sociedade & Culturas**. A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz-de-Conta” das Crianças, Porto, n. 17, p. 113-134, 2002.
- GUTTON, P. **O brincar da criança: estudos sobre o desenvolvimento infantil**. Trad. SÔNIA F. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Artmed Editora, 2004.
- JUNQUEIRA, F. G. de A. **Linguagens Geradoras – seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. 8ª. Ed. Porto Alegre, Mediação, 2005.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 9ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOYLES, J. R. **Só brincar ? o papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- NEGRINE, A. **Concepção o jogo em Vygotski: uma perspectiva psicopedagógica**. Rer. Movimento, n. 02, ano 02, 1995.
- OLIVEIRA, Z. de M. R. **Educação infantil: muitos olhares**. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PIAGET, J. **A linguagem e o Pensamento da criança**. 7ª. Ed. São Paulo, Martins F. (1951).
- SNEYDERS, G. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOUZA, G. M. de. **Educação física infantil: a importância de jogos e brincadeiras em uma escola pública de Planaltina–GO**, 2014.

VYGOTSKI, L. S., **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.

CAMPOS, C. M. I.; RUBIANO, M. R. B. **Organização do Espaço em Instituições Pré-Ecolares**. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org). **Educação Infantil: Muitos Olhares**. São Paulo: Cortez, 1996, p. 117-119.

CARVALHO, M. C. de; RUBIANO, M. R. B. **Organização dos Espaços em Instituições Pré-Ecolares**. In: OLIVEIRA, Z. M. (org.) **Educação Infantil: muitos olhares**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BROUGÈRE, G. Que possibilidades tem a brincadeira? In: BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 104-113.

NEGRINE, A. **Concepção do jogo em Piaget**. In: **Aprendizagem & Desenvolvimento Infantil: Simbolismo e Jogo**. Porto Alegre: Prodil, 1994, p. 32-45.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, cap. 7, p. 61-70, 1991.

BAIA, R. da S. **O lúdico como aprendizagem**, em turma de crianças com cinco anos de idade na escola Menino Jesus. 2017. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>. Acesso em 01/04/2019.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da**

criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Acesso em 13/05/2019.

CANABARRO, T. M. EAD- Educação A Distancia- **O Brincar e o Aprender na Educação Infantil**. Disponível em:< www.portaleducacao.com.br> Acessado: 15/04/2019.

OLIVEIRA, D. B. **A importância do brincar na Educação Infantil**. 2012. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/concepcao-do-brincar-e-aprender-na-visao-de-piaget-e-vygotsky>. Acesso em: 18/06/2019.